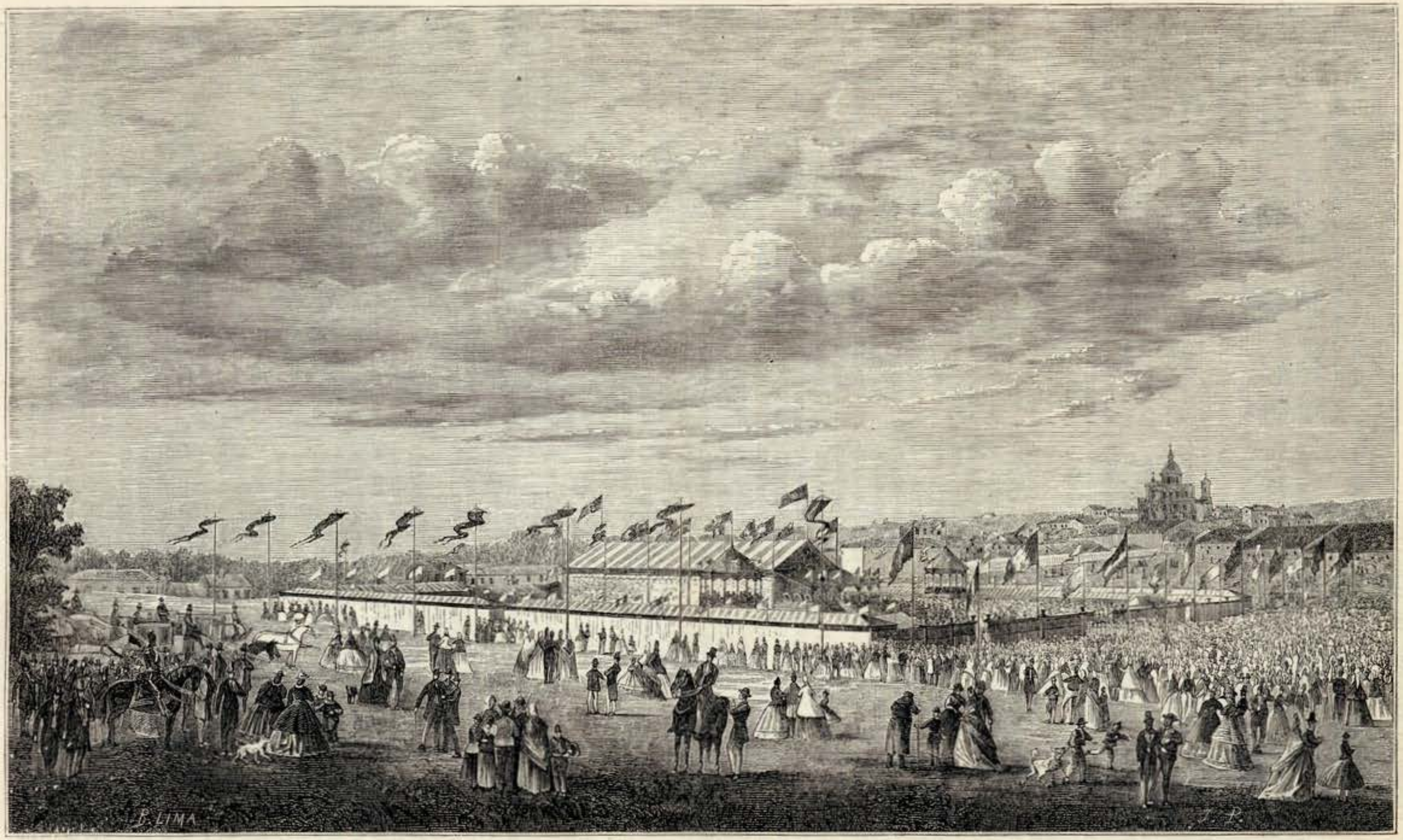


Exposição agricola feita nas terras do Desembargador em 1864

EXPOSIÇÃO NACIONAL DE AGRICULTURA

PROMOVIDA PELA REAL ASSOCIAÇÃO CENTRAL DA AGRICULTURA PORTUGUEZA

Vae, felizmente, calando nos animos dos portuguezes uma verdade, que ainda ha poucos annos parecia á maior parte d'elles um erro ou uma utopia.

Vae-se convencendo o nosso bom povo, e com elle muitas associações e institutos, de que a prosperidade moral e material do paiz não ha de provir exclusivamente dos esforços e iniciativa do governo.

Já hoje não é raro, nem causa desusada admiração, ver um particular, uma sociedade, uma companhia, no proprio interesse e no da communidade, empenhar-se na realisação de grandes melhoramentos, e deixar mais livre e desembaraçada aos poderes do estado a acção que elles tem de empregar na administração superior do paiz.

Os monte-pios; as caixas economicas; as companhias de seguros mutuos sobre as vidas; as associações de classe; as companhias de credito; as associações para diffundir a instrucção popular pelas classes desvalidas; as associações que tem por fim amparar a infancia e a decrepitude, já nos domicilios, já em asylos; as associações litterarias, e as artisticas, que excitam e depuram o gosto pelas sciencias e artes bellas; as humildes mas prestantissimas sociedades philarmonicas, os orpheons; as associações promotoras das diversas industrias; instituições estas todas numerosissimas já hoje em Portugal, são prova concludente de que se vae comprehendendo quaes os deveres do governo e quaes os dos individuos, relativamente ás multiplices e variadissimas necessidades da grande familia portugueza.

Falta muito ainda para fazer, é verdade; e será mister que decorram muitos annos para que caduquem preconceitos profundamente enraizados, e para que as idéas novas triumphem de milhões de obstaculos que se lhes oppõem. Dá-nos, porém, o presente bem fundadas esperanças de um glorioso e prosperrimo futuro, se não para nós, que gravitâmos já proximos do tumulo, para nossos filhos, ou para nossos netos.

Digam o que disserem supersticiosos adoradores do passado, espiritos meticulosos e desconfiados, que saudosos olham para traz, negando-se a seguir avante pelo caminho que illumina a nova sciencia, Pélletan tem razão. *Le monde marche.*

A força irresistivel do progresso não ha oppor difficuldades.

Foi Deus que traçou a senda que a humanidade tem a percorrer. Páira sobre a immensa cohorte dos denodados conquistadores do futuro ignoto, que se antevê deslumbrante de luz, de felicidade, de gloria, de amor, de poesia, o espirito divino inspirando-lhes a idéa nova, e segredando-lhes ao coração um animado — avante!

No fim da lucta, ao cabo de longa e penosa peregrinação, surgirá d'entre as trevas da ignorancia e dos erros das intelligencias desvairadas e pertinazes a claridade suprema, que se denomina — *o verdadeiro, o bello e o bom.*

Até essa epocha de felicidade ineffavel, teremos de proseguir sem descanço a empreza encetada, fitando sempre, plenos de fé, a luz que brilha ao longe, e que dirige o homem como a estrella dos Magos, ora invisivel, ora occulta, ao seu final destino.

É esta vivissima crença na felicidade futura do genero humano, resultante dos esforços das gerações que vão passando, que illumina a historia do passado e do presente, e permitte ao espirito pensador elevar-se dos effeitos ás causas; concatenar os factos; acompanhar a marcha, apparentemente irregular, da intelligencia; e distinguir na ordem moral a verdade do erro, como na ordem physica se distingue o mineral vil, que abunda na mina e luz com o brilho do oiro, que não é, do verdadeiro oiro, cujos grãos tenuissimos esconde a areia.

É esta vivissima crença na felicidade futura do genero humano que faz com que o philosopho aprecie muitas vezes factos, no dizer dos superficiaes, de nenhum valor, e nem attenda para outros que alvorotam as multidões, e lhes parecem de suprema importancia.

Não são raros, infelizmente, estes casos.

Para espectaculos frivolos, para divertimentos pueris, para alardos marciaes, para combates de feras, para artimanhas de feiticeiros, para tudo que é tenue, ephemero, só para deleite dos sentidos, não faltam admiradores, applausos, recommendações, phrenesi, delirio.

Trata-se de uma exposição: que ella seja artistica, fabril ou agricola, indifferença e desamor!

Não desanimem, porém, os que se dedicam de coração a introduzir em o nosso paiz as boas praticas dos paizes estranhos, a diffundir pelo povo os preceitos da sciencia, a inspirar-lhe amor ao trabalho, a patentear as riquezas naturaes com que a Providencia nos brindou, a excitar os nossos brios, e a fazer-nos seguir de par as nações mais adiantadas.

Vão já vencidas muitas difficuldades, e estamos mais adiantados do que se poderia esperar de um paiz ainda ha poucos annos privado dos mais insignificantes beneficios da moderna civilisação, e assolado por guerras e disturbios intestinos, que Deus permitta se não repitam.

A exposição que ha dias findou é mais um documento honrosissimo para Portugal.

Concorrêramos dignamente ás memoraveis exposições de Paris e Londres, e merecêramos ahi distincções numerosas; fizeramos no Porto e em Braga mostra das nossas riquezas industriaes e agricolas. Resoavam ainda os hymnos festivaes com que a benemerita Associação Promotora da Industria Fabril solemnisára a distribuição dos premios aos que mais se haviam distinguido na exposição por ella feita em Lisboa, e já a zelosa direcção da Real Associação Central da Agricultura Portugueza planeava outra exposição, exclusivamente agricola, nas proximidades de Lisboa.

Destinou a associação o dia 28 de setembro para a abertura solemne.

Judiciosa foi a escolha do dia.

Fazia um anno o principe real D. Carlos Fernando, primogenito del-rei o sr. D. Luiz e da rainha a sra. D. Maria Pia.

Foi por certo mais grata aos soberanos aquella solemnidade, do que quaesquer outras com que se festejasse o primeiro anniversario de seu prezado filho, se ás pompas, por maiores que fossem, não reunissem a utilidade da modesta exposição agricola.

(Continua) J. J. DE SOUSA TELLES.

OS EMBRIAGADOS

CONTO POPULAR DE TRUEBA

(Conclusão. Vid. pag. 238)

Lourenço não tornára a pôr os pés na taberna, apesar de que Menchaca, seu inimigo tentador, que continuava a passar a ponte arrastando-se como reptil, o convidava todos os dias para voltar ao caminho do vicio, onde encontrára a sua perdição e a de sua familia.

Já que tornámos a fallar de Menchaca, poremos aqui

uma recordação nossa, que nos escapára, e na qual se define o caracter d'aquelle individuo.

O auctor d'este conto, ao voltar á sua aldeia, haverá quatro annos, depois de vinte de ausencia, encontrou Menchaca inteiramente perdido.

— Como vae Menchaca? — lhe perguntou o auctor.

— Muito mal.

— Então por quê?

— Os biscaynhos não sabem beber como os madrilenos.

— E seu irmão, vive?

— E bebe.

— Está bom?

— Aquelle é feliz! Sempre tem odres cheios em casa.

O bello ideal do homem dado a bebidas nas provincias do norte de Hespanha, é ter constantemente em casa um odre cheio de vinho tinto.

Uma tarde acabou Lourenço de concertar as ferramentas de um de seus freguezes forasteiros, depois de muitas horas de continua e penosa tarefa.

— Ó Lourenço, lhe disse o freguez, vamos beber um quartilho, que te portaste hoje briosamente.

— Obrigado, respondeu Lourenço, envergonhado da lembrança que tal offerecimento despertava n'elle; não bebo vinho ha muito tempo, nem penso tornar a bebel-o.

— Anda, homem, e não sejas nescio. Julgas tu que por beber um quartilho quando chega a occasião, perde o homem o seu credito, a sua casa ou a sua saude?

— Por minha desgraça e a de minha familia, sei demasiado o que se perde com esse vicio.

— Qual vicio, nem qual diacho! Uma coisa é beber para aquecer o estomago e cobrar animo para o trabalho, e outra coisa é beber para nos embriagarmos. N'esta terra ha abundancia de homens de bem, e muita falta dos que não gostam de vinho. Considero-me e toda a gente me considera como homem de bem ás direitas; e apesar d'isso, quando se trata de ir beber um quartilho em companhia dos meus amigos, nunca lhes causo o dissabor de não os acompanhar. O que faltava era que tu agora me não fizesses o mesmo.

— Não é desgosto, é proposito que fiz...

— Ora deixa esse proposito. Anda, homem.

— Digo-te que não vou.

— Receias que te faça pagar alguma coisa?

— Para que vejas que tal coisa não receio, sigo-te immediatamente, respondeu em fim Lourenço, não podendo, como nunca tinha podido, resistir a sua vaidade á accusação de forretа.

Lourenço e o seu amigo dirigiram-se para a taberna; mas Lourenço ia com o firme proposito de só provar o vinho.

Mariquinhas viu-os passar a ponte, e estremeceu horrorisada, suspeitando para onde iam; mas tranquillisou-se considerando que o companheiro de seu pae, longe de ser dado á constante bebedice como Menchaca, era um de tantos homens de bem que, sem deixarem de sel-o, bebem, porque o vinho, em não se abusando d'elle, é bebida saudavel e consoladora, sobre tudo para o pobre trabalhador.

Lourenço cumpriu o seu proposito: depois de ter esgotado com o seu amigo razoavel porção de vinho, abandonou a taberna, e tomou o caminho da casa, sentindo alegria e satisfação, como nunca experimentára ao sair d'alli com quatro ou cinco garrafas a turvarem-lhe a razão.

Lourenço, desde que enviuvára, não podéra lançar de si a tristeza que o consumia, nem havia ceiado com appetite, nem dormira tranquillo; mas n'aquella noite esteve alegre, ceiou com vontade em companhia de seus filhos, e dormiu tranquillamente.

Passaram dias e dias, e não passava a tristeza de Lourenço, que encontrava em toda a parte e em qualquer coisa a recordação de sua mulher, e não podia obliterar o remorso que lhe atormentava a consciencia.

Uma tarde, como quasi todas, approximou-se Menchaca da ferraria para accender o cigarro na forja. Ia, segundo o costume, de passagem para a taberna. N'aquella tarde estava o ferreiro mais triste que nunca, porque a menina andava alguma coisa adoentada, e o pobre Lourenço, que sempre lhe quizera muito, dera em pensar o que seria d'elle e de seus filhos se lhes faltasse a que substituia Rosa no governo da casa.

— Ó Lourenço, lhe disse Menchaca, manda a tristeza para o inferno!

— Não posso, Menchaca! — respondeu Lourenço tristemente.

— Ainda pensas em Rosa?!

— Não posso esquecel-a!

— Não fallas verdade.

— Fallo.

— Vem commigo beber um quartilhinho. Verás como esqueces tudo.

— É esforço baldado aconselhar-me a que volte á taberna.

— Foste outro dia com um freguez.

— Convidou-me, e não ousei desgostal-o.

— Com mil raios!... Só a quem não duvidas causar desgosto é a mim!

— Comtigo tenho bastante confiança.

— Dize-me, pois, em confiança, se quando foste com o freguez não pozeste de parte a tristeza.

— Não me lembrou, com verdade, o passado.

— Então vem commigo.

— Não vou.

— É só para beber um quartilho, e voltarás logo para ceiar com os rapazes.

Lourenço recordou-se da alegria e do appetite com que ceiou em companhia de seus filhos, e da tranquillidade com que dormiu depois de vir a ultima vez da taberna; porém, ao mesmo tempo, lembrou-se de que cem vezes fôra á taberna com Menchaca propondo-se deliberadamente beber pouco, e cem vezes bebêra, excitado pelo exemplo, até perder a razão.

— Menchaca, falla-me de outra coisa, e não tornes a arrastar-me para o mau caminho com os teus maus conselhos.

— Olha, Lourenço, a taberneira recebeu agora uma pipa com delicioso vinho. Vou proval-o hoje. É tolice, para não gastares uns patacos, não me acompanhares.

— Oh! Menchaca! — exclamou Lourenço. Não me digas tal! Não vou porque seja villão ou sovina, bem sabes.

— Não me servem palavras que são ôcas.

— Pois vamos!

A resolução com que Lourenço pronunciou estas ultimas palavras não deixou dúvida a Menchaca de que aquella tarde teria quem o acompanhasse no templo de Baccho.

Com effeito, Menchaca e Lourenço tomaram juntos o caminho da taberna. Quando chegaram a esta saía a tia Botija com a costumada garrafa debaixo do avental.

— Ah! Lourenço! — exclamou a velha com verdadeiro pezar. Bem te disse muitas vezes que tua filha havia de ser muito desgraçada! Aquella infeliz criança herdou a bondade de sua mãe, mas tambem lhe herdou a desgraça que a atormentou!

Lourenço estremeceu ao ouvir estas palavras, e deu um passo para voltar atraz; porém Menchaca segurou-lhe o braço, e arrastou-o para dentro da taberna, dizendo:

— Não faças caso de bruxas!

Botija, ao passar pela frente da casa do ferreiro, viu Mariquinhas que descia do azinhal com um feixe de lenha sêcca.

A menina estava muito descórada e triste.

— Minha filha, lhe disse a Botija, terás um esfalfamento se continúas com esses pesos.

— Se não estivesse doente, pouco me importariam estes pesos, respondeu a menina.

— Que é que tens?

— Não sei. Porém sinto-me doente ha dias.

— Olha que morrerás como a pobre de tua mãe, que Deus haja, se continuares a trabalhar como escrava, em quanto teu pae se embriaga na taberna.

— Não diga isso de meu pae! — replicou a menina córando de indignação.

— A verdade sempre agradou a Deus.

— Meu pae já não se embriaga.

— Vel-o-has esta noite quando voltar da taberna, para onde foi com Menchaca.

— Foi á taberna com Menchaca! — murmurou Mariquinhas aterrada. Isso é certo?

— Oxalá que o não fôra, minha filha.

A menina sentiu os olhos arrazarem-se-lhe em lagrimas, agarrou o feixe de lenha que poisára no solo, e continuou com elle para casa.

Succedeu n'aquella noite o que succedia em outros tempos. O valle estava silencioso e escuro; ouvia-se apenas o murmurio do rio, que se quebrava nos pilares da ponte, e o latido dos cães que vigiavam a porta das propriedades disseminadas no valle.

De vez em quando abria-se uma janella em casa do ferreiro, e, á luz que brilhava no interior da casa, descobria-se uma menina que assomava á janella, escutava attentamente, e voltava para dentro com a mais profunda tristeza.

Quando o relogio de Santa Maria deu meia noite, dois homens atravessavam a ponte arrastando-se como reptis, e separavam-se pouco depois, cambaleando.

Não sabemos o que se passou em casa de Menchaca, para onde se dirigiu um d'aquelles homens; mas sim o que se passou em casa do ferreiro, para onde se dirigiu o outro.

Mariquinhas sentou-se na cama de seus irmãos, porque estes lhe haviam dito que lhes infundia medo o vento que assobiava nos azinheiros, quando ouviu seu pae bater com força á porta, proferindo ao mesmo tempo blasphemias e imprecações.

A pobre menina tomou apressadamente a candeia, e desceu a abrir a porta a seu pae.

— Estavas dormindo, grandessissima preguiçosa?... Ora toma lá para que despertes! — disse-lhe o pae dando um forte empuxão na pobre menina.

Mariquinhas não descerrou os labios: invocou tamsómente o amparo de sua mãe do intimo do coração.

Innocente filha do que escreve este sombrio conto, se, sendo, como és, debil e boa, teu pae levantar a mão para maltratar-te — que a justiça de Deus abata essa mão sacrilega!

VIII

Estava muito escura a noite, e o relogio de Santa Maria dera já as doze horas.

Menchaca e Lourenço conservavam-se ainda na taberna, e o taberneiro instava para que saíssem, fundando-se em duas razões: em que já tinham bebido bastante, e em que o regedor prohibíra expressamente consentir gente na taberna depois das dez horas da noite. Por que é que o taberneiro não fizera valer estas duas razões quando Menchaca e Lourenço beberam a primeira canada, e quando o relogio de Santa Maria deu as dez horas?

O taberneiro, em fim, conseguiu lançal-os fóra aos empuxões, e ambos, em deliciosa companhia, cáio aqui, levanto-me acolá, tomaram a encosta que vae da egreja ao rio.

N'aquella noite não se abria janella alguma na casa de Lourenço. Os dois embriagados, ao conhecerem, pelo declive do terreno, que entravam na rampa da ponte, deitaram-se no solo, e continuaram o caminho de rojo.

Segundo o costume, separaram-se ao começar a encosta do azinhal para se dirigir cada qual a sua casa, e Lourenço, ao chegar á d'elle, julgou ouvir um grito doloroso para o lado da casa de Menchaca.

— Caíste, Menchaca? — gritou com toda a força que lhe permittia a sua voz rouquenha; porém ninguem respondeu.

Chamou então á porta de sua casa, acompanhando as pancadas da argola com imprecações e blasphemias a sua filha. Poucos momentos depois descia a abril-a, não Mariquinhas, mas o filho primogenito, que chorava copiosamente.

— Que tens, rapaz do demonio? — perguntou-lhe Lourenço, levantando a mão para lhe bater.

— Mariquinhas está a morrer! — respondeu o menino.

Ouvindo isto, Lourenço fez um movimento de dolorosa sopreza, e pareceu de repente recobrar parte da sua razão.

Subiu a escada apressadamente, e, ao entrar no quarto onde dormia Mariquinhas, encontrou esta deitada, e o filho mais novo chorando á cabeceira da cama.

— Que tens, minha filha? — lhe perguntou Lourenço com tanto amor como anciedade, acabando de recobrar a razão.

— Morro, meu pae! — respondeu a menina com voz debil e angustiosa.

— Filha da minha alma! — gritou Lourenço beijando o rosto já quasi frio e cadaverico da menina, e correndo em seguida á janella, começou a gritar:

— Menchaca! visinhos! acudam-me, acudam-me, que minha filha morre!

Ninguem respondeu.

Reinava silencio no valle.

Ouviam-se apenas os latidos dos cães e o murmurio do rio, quebrando-se contra os pilares da ponte.

Então Lourenço accendeu desorientadamente uma lanterna, receando que ainda assim não podesse chegar sem tropeçar á casa de Menchaca, ou á da Botija, que eram os visinhos mais proximos, e saíu a pedir-lhes auxilio, porque o cirurgião vivia distante, e Mariquinhas não poderia ficar muito tempo sem outro auxilio além do limitadissimo que lhe prestariam seus irmãosinhos.

Lourenço tomou um atalho que levava á casa de Menchaca, e de repente lançou um grito de espanto ao ver um homem estendido no solo.

Soltou-se-lhe segundo grito do peito ao approximar a lanterna d'aquelle homem, que não era outro senão Menchaca, que jazia morto em um lago de sangue, com a cabeça horrivelmente fracturada.

Menchaca dera contra os pedregulhos que obstruiam o atalho, e despedaçára a cabeça.

Devia o desventurado pae cuidar de sua filha, que ia morrer, ou cuidar de seu amigo, que jazia morto?

Retrocedeu, e dirigiu-se para casa da Botija, onde conseguiu, em fim, que o ouvissem e acudissem em seu auxilio.

O marido da Botija tomou a lanterna e foi avisar o cirurgião; a Botija e Lourenço subiram a auxiliar a menina.

Mariquinhas apenas podia fallar. Com a mãosinha fez signal a seu pae para que se approximasse, e disse-lhe quasi ao ouvido, com voz apagada mas solemne:

— Chama-me Deus, meu pae; vou para Elle! Meus irmãos, dentro em instantes, não terão mãe, nem irmã que os trate, console e dirija no começo da vida. Encontrarão porventura um pae?

— Sim, minha filha! — respondeu Lourenço rebentando em choro. Encontrarão um pae, sim, juro-t'o pela salvação de tua mãe e pela minha!

— Encontrarão tambem segunda mãe! — accrescentou Botija, chorando como Lourenço, e apertando contra o seio os dois pobres meninos.

— Serão todos abençoados por Deus, por minha mãe e por mim, que vôo para o ceo! — murmurou Mariquinhas radiante de alegria, e o seu espirito voou um instante depois para o ceo, onde o esperava o de sua santa mãe.

Valente, que estivera até então sentado n'um canto da casa com a cabeça inclinada, saiu para o azinhal a uivar tristemente.

N'aquelle momento appareceu uma luz no alto da ponte.

E viram-se tambem dois vultos.

— Parece-me, disse o marido da Botija ao cirurgião com quem voltava, que chegâmos já tarde.

— Por quê?

— Não ouve como chora o cão do ferreiro Lourenço?

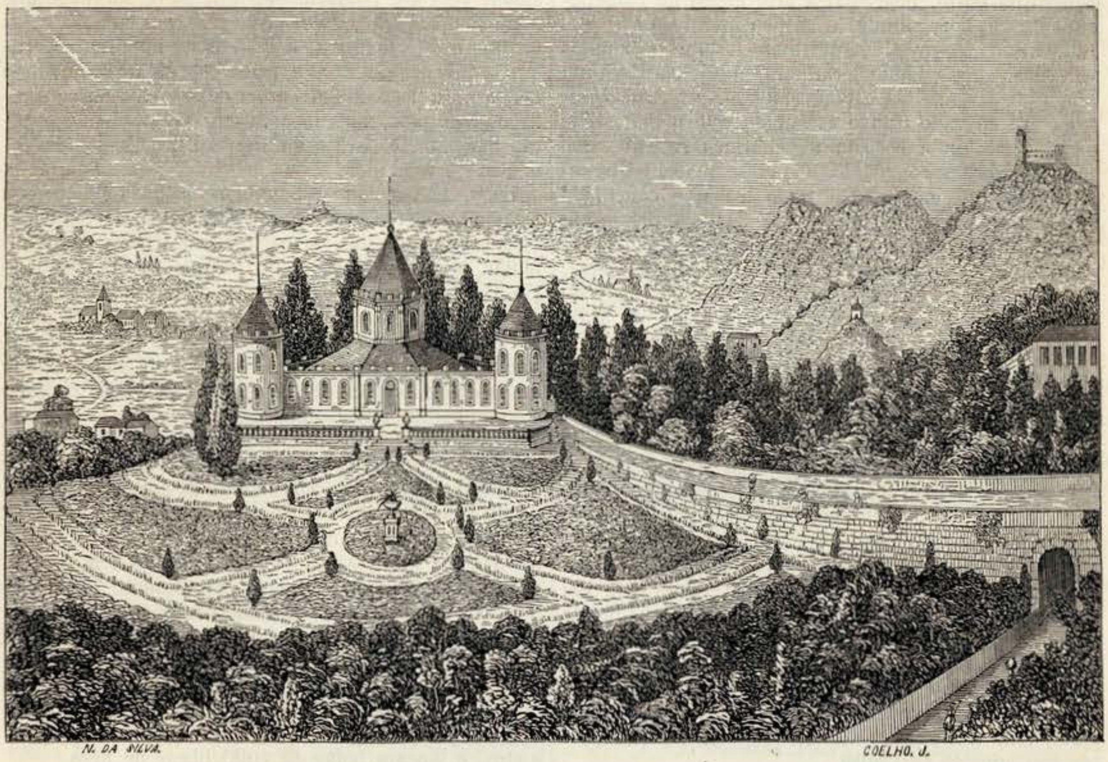
— Ainda acredita em taes simplezas?

— Quando a pobre Rosa morreu tambem Valente uivou no azinhal.

O cirurgião acreditou que a menina lhe proporcionaria argumento para convencer o marido da Botija de que era absurda a crença vulgar de que os cães uivam quando morre ou vae morrer alguem; porém a menina só lhe proporcionou argumento para escrever mais uma certidão de obito.

Um anno depois da morte de Mariquinhas e Menchaca, crescêra muito o monte de fezes e limalha, e já não havia n'elle cardos nem ortigas.

Andava triste Lourenço; porém não tornára a passar a ponte arrastando-se como reptil. Quando algum dos antigos convivas lhe fallava da taberna, recordava-se do que vira á luz da lanterna em a noite em



Palacio antigo de Monserrate, em Cintra, segundo um desenho de 1808

que morreu sua filha, e das palavras que ella pronunciára na referida noite como para o reprehender do seu mau procedimento.

Em quanto aos meninos, estavam gordos, contentes e aceiados, e já iam á eschola; em uma palavra, tinham encontrado pae carinhoso e tambem mãe cuidadosa. Eram felizes.

Poderia sel-o egualmente seu pae?

Sim, se póde ser feliz o que tem na consciencia o remorso de entregar a palma do martyrio nas mãos de uma santa, e nas mãos de um anjo! B. A.

O SITIO DE MONSERRATE EM CINTRA

Onde se esquecem mágoas, onde folga
De se olvidar no seio a natureza.
Garrett—Poema *Camões*, canto v.

Adiante da quinta de Penha Verde, fundada por D. João de Castro, 4.º viso-rei e heroe da India, no seculo XVI, indo da villa de Cintra para a de Collares, ao lado direito, em um pequeno monte despegado, que se avança como atalaya do resto das ondulações da serra, fica o sitio encantador de Monserrate, assim chamado de uma ermida da invocação de Nossa Senhora de Monserrate, que no anno de 1540 edificou um clerigo chamado Gaspar Preto, mandando vir de Roma a imagem de alabastro da Senhora. Pelo decurso do tempo caíu em ruina a referida ermida; e no seculo XVIII um negociante estrangeiro, chamado Gerardo Devisme (socio de Mellish, ambos os quaes foram, até ao anno de 1790, contratadores do pau do Brasil), fez edificar n'aquelle logar uma casa de campo, segundo o risco e desenho de Ignacio de Oliveira Bernardes. [1] A casa era imitando um castello antigo. [2]

[1] Nasceu em Lisboa no 1.º de fevereiro de 1695. El-rei D. João V o mandou a Roma estudar, e foi discipulo de Benedicto Lutti, e depois de Paulo Mathei. Era architecto civil, e pintor; e tambem foi quem deu o risco e desenho para a casa que mandou fazer o referido Devisme, que é hoje da sra. infanta D. Isabel Maria, em S. Domingos de Bemfica.

[2] Do quadro representando este edificio, pintado por Noell, ha uma gravura, que mandou tirar Gerardo Devisme, o qual, juntamente com David Purry, mandaram abrir uma estampa pela occasião de serem expulsos de Portugal os padres jesuitas (para lisonjearem o marquez de Pombal), gravada em Paris por J. Beauvarlet, em 1772. Esta estampa tem muita analogia com a que representa mr. Samuel Bernard, conde de Coubert, gravada por Pedro Drevet em 1729.

A primeira torre era destinada para os quartos de cama, seguindo-se em baixo casa de jantar e accessorios. A outra torre consistia em uma bella sala para musica, de fórma redonda, communicando com outras, tudo no melhor gosto e distribuição.

Tinha a casa duas entradas principaes, que se dirigiam a um vestibulo em octogono, que dava ingresso para os differentes ramos do edificio. A casa era cercada de uma gradaria de ferro de tres pés de altura, cingindo-lhe as paredes cedros que, sombreando-a, lhe não roubavam (pela boa disposição em que estavam collocados) os lindos pontos de optica que desfructava, tanto para o lado da serra, da qual era dominada, como para a parte do mar e valle de Collares.

Os aposentos para os criados, cocheira e estrebaria, formavam outro corpo do edificio ao lado do caminho que conduzia a casa.

Abegoaria e casa de caseiro eram feitas com egual esmero de gosto, buscando a arte meios de embellezamentos na sua simples e rustica architectura.

Consistia a quinta em um bello bosque de antigos carvalhos, que vinham terminar junto á casa em um pomar de larangeiras e tangerineiras. Na encosta sobranceira ao valle estava assentado este pomar, onde se vê ainda uma cascata de enormes calhãos, que para alli foram conduzidos expressamente, esforçando-se por este modo com tanto trabalho o artificio humano em imitar a simplicidade das bellezas da natureza. Toma esta repreza as aguas que no inverno, e principios da primavera, descem do alto da serra, e formam uma cataracta que se despenha por um leito pedregoso, que fórma a parte mais baixa do valle d'esta matta. Uma bella alameda de arvores conduzia á casa acastellada. Pela retirada de Gerardo Devisme, foi occupada esta estancia por um inglez chamado Beckfort [1], que n'ella deu brilhantes festins.

E quando este tambem se foi de Portugal, principiou o edificio a cair em ruinas, e a servir para aprisco.

A uma epocha de decadencia succede muitas vezes outra epocha de restauração, apparecendo um genio bemfazejo que lhe paralysa o impeto; e isso agora se vê, porque esta propriedade pertence hoje ao abastado inglez, mr. Cook, que a está restaurando em grau superior, no gosto oriental, como egualmente da quinta fazendo um jardim botanico, para onde tem mandado trazer arvores, arbustos e plantas, com especialidade fetos, de varios partes da Europa. A estampa que apresentámos é cópia de um quadro original, feito a tempera, no anno de 1808, o qual possue um amador de Cintra.

J. M. D. DE OLIVEIRA TRAVASSOS.

Brevemente publicaremos a perspectiva do palacio de Monserrate, no seu estado actual. O edificio que ainda ha pouco apenas tinha de pé as paredes exteriores, apresentando interiormente o aspecto desolador de completa ruina, está passando por uma tal transformação, que em breve será, pela riqueza interior dos materiaes, pelas obras de arte, e pelo gosto e sumptuosidade dos moveis, a mais fastosa residencia de campo que haverá no paiz, assim como já é uma das mais formosas pelas razões que expõe o auctor do artigo supra.

I. DE VILHENA BARBOSA.

NAVIOS ENCOURAÇADOS

(Conclusão. Vid. pag. 236)

Foram os Estados Unidos da America a primeira nação, como dissemos, que tratou de construir navios encouraçados movidos a vapor. Porém, contentando-se com os primeiros ensaios, como se não aspirasse a mais do que ás honras da primazia n'este ramo dos progressos humanos, descançou largo tempo sobre os seus loiros. Quem contemplasse a indifferença com que esta nação viu a França e a Inglaterra, em competencias de rivalidade, lançarem nos seus estaleiros, umas após outras, as quilhas não só de baterias fluctuantes, mas tambem de grandes fragatas encouraçadas e movidas a vapor, diria que desdenhava da invenção, ou que tinha renunciado ás suas pretenções de potencia maritima de primeira ordem. Todavia enganava-se completamente quem assim pensasse.

Os americanos do norte tem alguns defeitos nacionaes, mas não entra certamente em o numero d'estes a ostentação. Applaudem e querem os progressos pelo que valem, e não pelo que brilham. Satisfizeram-se com aquelles ensaios, porque lhes custavam muito caros, e não viam no proseguimento d'elles uma necessidade real que compensasse a nação do sacrificio que d'ahi lhe provinha. Esses ensaios deram ao paiz, além da honra da iniciativa, a certeza da importancia d'aquella invenção, e do que podia esperar d'ella, quando chegasse a occasião de precisar recorrer ao seu auxilio. Isto, pois, lhes bastou para satisfação do orgulho nacional, e para segurança do decoro e independencia da republica.

Logo, porém, que rebentou no seio da União essa tremenda guerra civil, que ficará memoravel na historia como uma das luctas fratricidas mais sanguinolentas, mais devastadoras e ferozes de que ha noticia, as duas partes contendoras, e mais especialmente a federal, por se achar para isso mais habilitada, apresentaram tal desenvolvimento n'aquelle genero de construcções, que pareciam preparadas de longo tempo não só com estudos theoricos e praticos, mas tambem com trabalhos importantes adiantados.

Como amostra da sua actividade e do seu poder, estreou-se o governo de Washington, lançando ao mar a bateria *Stevens*, de 152 metros de comprimento, de 6:000 toneladas de lotação, e com machinas de vapor da força de 8:000 cavallos, podendo andar 37 kilometros por hora. Além d'estas machinas tem a mesma bateria fluctuante outras, egualmente de vapor, para dar ás bombas, para alimentar as caldeiras, para arejar a embarcação, e para executar varias manobras. Guarnecem-n'a apenas sete canhões, mas de tal calibre, que cinco tem 15 pollegadas de diametro cada um, e lançam balas de 460 libras de peso cada uma; e dois, que são raiados, contam 20 pollegadas de diametro, e lançam balas de 1090 libras de peso.

Não podendo os estados confederados do sul luctar no mar alto com os estados federaes do norte, pela razão de que estes ultimos dispunham de quasi toda a esquadra da republica, ficava limitado o serviço d'esta ao ataque dos portos e suas fortalezas, e aos combates navaes dentro dos rios. Assim trataram reciprocamente as duas partes belligerantes de construirem navios segundo o novo systema, mas apropriados ao logar em que deviam funccionar, e ao serviço para que eram destinados. Os dois primeiros, que appareceram em breve, se fizeram conhecidos de todo o mundo pela horrivel e porfiosa lucta em que se empenharam apenas se encontraram. *Monitor* e *Merrimac* eram os seus nomes; aquelle pertencente aos federaes, e este aos confederados.

O *Monitor*, cuja estampa publicámos a pag. 237, foi construido por mr. Ericson, que é um dos mais distinctos engenheiros dos Estados Unidos, aquelle que ha annos inventou um novo systema de navios movidos pela acção do calorico, que não deu bom resultado, chegando-se a ensaiar em um navio feito expressamente para esse fim, a que se poz o nome do auctor.

O *Monitor*, saído dos estaleiros de Nova York em

[1] O qual escreveu umas cartas mui curiosas sobre a sociedade portugueza d'essa epocha.

30 de dezembro de 1862, tinha pouco mais de 41 metros de comprimento. Quasi que lhe rastejava a borda com a superficie do mar. No centro da coberta tinha um forte circular, com sua cupula, da invenção do capitão Coles, guarnecido sómente com dois canhões *Dahlgren*, pesando 15:600 libras.

Compunha-se a couraça de chapas de ferro de diversa espessura, postas umas sobre outras, de maneira que as superiores encobriam as juncturas das inferiores. Em combate não se viam acima da coberta mais que o forte, o pequeno canudo da chaminé, e a guarita do timoneiro.

O *Monitor* entrou em combate com o *Merrimac* junto da cidade de Hampton, no rio de S. James, no dia 9 de março de 1863. Ao cabo de uma lucta encarniçadissima, em que os dois contendores arremessaram um contra o outro projectis de extraordinaria força, saíram illesos da batalha, mas pouco depois ambos acabaram de existir. O *Merrimac* foi despedaçado por uma explosão, sendo os proprios confederados que lançaram o fogo, para evitar que este navio caísse em poder dos federaes, que se tinham assenhoreado da cidade. O *Monitor* foi engolido pelas ondas do Oceano, que affrontára com felicidade pela primeira vez, saindo de Nova York para Hampton, com tempo bonançoso, mas que succumbiu na volta por encontrar mares grossos, e não ter elementos de resistencia contra as tempestades.

Não obstante demonstrar esta desgraça que similhantes navios eram improprios para a navegação do Oceano, e que ainda mesmo em viagem costeira e breve corriam eminente perigo de soçobrarem, determinou o governo que se construissem outros vasos segundo aquelle systema, para operarem nos portos e rios.

Esta ordem abriu vasto campo ao talento dos engenheiros constructores, que trataram de modificar o systema de Coles, introduzindo-lhe varios melhoramentos, tanto em relação á segurança do navio, como relativamente aos seus meios de ataque. O *Keokuk* e o *Novo Ironsidas*, que se vêem representados nas gravuras a pag. 237, offerecem dois typos differentes dos vasos encouraçados ultimamente fabricados na America do Norte.

O *Keokuk*, ou bateria *Whitney*, tem dois fortes circulares, postos nas extremidades, mas sem cupula, com seis pollegadas e um quarto de espessura, sendo quatro de ferro, e o resto de madeira. Cada forte conta tres canhoneiras, que podem ser guarnecidas com um só canhão, porque este acha-se collocado de modo que facilmente se póde mudar, assentando ora em uma, ora em outra canhoneira. Opéra tambem este navio como ariete, para o que tem na proa, debaixo d'agua, um grande esporão, que tem de comprido um metro e 66 centimetros. O comprimento do *Keokuk*, incluindo o esporão, não chega bem a 36 metros. É, por conseguinte, a mais pequena d'este genero de embarcações que tem sido construidas nos Estados Unidos, ás quaes dão o nome geral de *Monitores d'Ericson*. Com o fim de preservarem o *Keokuk* dos perigos da submersão, fizeram-lhe no interior dois repartimentos na pópa, e outros dois na proa, fechados hermeticamente, e contendo ar, como nos barcos salva-vidas. Tambem aqui a sciencia resolveu outro problema relativo á circulação do ar no interior, por quanto n'esta especie de embarcações ainda não se tinha conseguido arejal-as convenientemente. Alcançou, pois, este resultado o engenheiro, estabelecendo uma communicação interior de um ao outro forte, disposta de maneira a facilitar a circulação do ar por todo o navio.

O *Novo Ironsidas* é um typo muito differente, e de muito maiores dimensões. O seu comprimento é de 78 metros; a lotação de 3:250 toneladas; e a força motriz de 1:000 cavallos. Sobre a coberta, da qual occupa dois terços, eleva-se uma bateria acasamatada, com oito canhões. Não é inteiramente encouraçado, pois que lhe faltam as chapas protectoras na prôa e na pôpa, mas n'esse logar, que corresponde aos receptaculos de ar contra a submersão do navio, é construido á prova de bomba. As chapas da couraça tem 4 pollegadas de espessura, 15 pés de comprimento, e 25 a 30 pollegadas de largura. As oito canhoneiras fecham-se por meio de duas chapas de ferro fundido, que se juntam ao recuar da peça por seu proprio impulso. O *Novo Ironsidas* é egualmente armado com um forte esporão.

Mr. Ericson foi o constructor do *Keokuk*, do *Novo Ironsidas*, e de mais seis navios do mesmo systema, mas com diversas modificações.

Possuia a marinha de guerra dos Estados Unidos, no anno passado, 28 navios encouraçados movidos a vapor, proprios para o serviço no alto mar; e 72 com aquellas condições, destinados unicamente para os portos e rios. Além d'estes, tem nos estaleiros muitos outros em construcção. Considerando-se nas excessivas quantias em que importa ao estado cada navio encouraçado movido a vapor; e se nos recordarmos de que ha dez annos aquelle paiz tinha ainda nos estaleiros o seu primeiro navio encouraçado, custará a acreditar na exactidão de uma tal estatistica. Todavia, nada tem de exaggerada, e basta só de per si para dar a medida do poder e da riqueza d'aquella nação, e ao mesmo tempo do encarniçamento da lucta em que está empenhada, e da energia e tenacidade do caracter nacional.

As principaes potencias maritimas contam actualmente nas suas respectivas marinhas mais ou menos navios encouraçados movidos a vapor. A Dinamarca possue alguns, não obstante a pequenez do seu territorio, e os limitados recursos do seu thesoiro. A propria Hespanha, cuja marinha começou ha poucos annos a resuscitar, conta já uma excellente fragata encouraçada movida a vapor.

As tres gravuras a que acima nos referimos foram copiadas do *Magasin Pittoresque*, onde colhemos a maior parte das noticias que aqui dâmos. Quem as desejar mais circunstanciadas póde consultar o vol. XXXI, de 1863, do dito jornal.

I. DE VILHENA BARBOSA.

MOBILIA PARA ESCHOLAS

Uma eschola bem organisada deve conter a seguinte mobilia:

ESTRADO

Precisa ter uma altura tal, que o professor possa vigiar todos os alumnos. Póde ter um ou dois degraus.

É conveniente que o estrado occupe o lado do norte encostado a uma parede que não tenha janellas. Esta disposição tem duas vantagens: 1.ª resguardar os alumnos das nortadas frias; 2.ª evitar que os raios do sol os incommodem de frente.

Sobre o estrado está a mesa do professor, a qual póde ter 2^{m} de comprimento, e $0^{m},96$ de largura. A mesa tem gavetas, e dois armarios que abrem para o lado da classe, e onde se guardam ardosias, pennas, escriptas, etc.

QUADRO PRETO

Á esquerda da mesa do professor, e podendo ser, sobre o estrado, colloca-se um quadro preto, que póde ter um metro quadrado de extensão, ou (nas escholas de ordem inferior) 1^{m} de largura e $0,^{m}66$ de altura.

A parte superior do quadro é conveniente que es-

teja dividida em decimetros e centimetros, por meio de traços feitos com tinta branca, ou cavados na madeira.

A côr negra do quadro, em logar de ser dada com tinta a oleo, é melhor ser pintada com tinta de escrever, ou com uma dissolução quente de caparrosa e noz de galha, dando-se com um pincel ou esponja duas ou tres pinturas sobre a taboa, até ficar bem negra.

BANCADAS PARA OS ALUMNOS

Estão collocadas em frente da mesa do professor, e no sentido do comprimento da aula (como se vê na planta e córte do modêlo III).

Cada uma bancada compõe-se de duas peças, *carteira* e *banco*, ligadas entre si, como se vê na estampa.

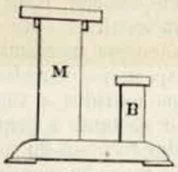
Podem existir na eschola tres sortes de bancadas, com as seguintes dimensões:

Altura dos bancos — 0^{m},40 — 0^{m},43 — 0^{m},46.
Largura » — 0^{m},16 a 0^{m},18.
Altura das carteiras — 0^{m},70 — 0^{m},75 — 0^{m},80.
Largura » — 0^{m},40 a 0^{m},44.

Na parte inferior da carteira póde haver uma especie de caixa ou prateleira para guardar os livros e papeis.

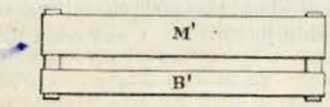
O comprimento das bancadas depende da largura da casa da eschola.

Na Real Casa-Pia de Lisboa ha umas carteiras cujo comprimento é de 1^{m},68, para o serviço de 3 alum-



nos. Podendo, porém, ser, é conveniente dar a cada alumno um espaço de 0^{m},70, a fim de que não fiquem muito apertados.

Na estampa, *M* e *B*, representam a projecção vertical da carteira e banco, que se acham ligados do



modo como se vê no desenho. *M'* e *B'*, representam as projecções horisontaes.

Entre a carteira e o banco deve haver um intervallo de 0^{m},3 proximamente. Deve tambem haver entre duas bancadas uma distancia de 0^{m},30 a 0^{m},32, para permittir a passagem dos alumnos ou do professor.

Nas carteiras ha uns orificios para os tinteiros. Um tinteiro serve para dois alumnos.

Além dos objectos mencionados deve ter a eschola:

Um crucifixo, em frente dos alumnos, na parede superior ao estrado.

O busto ou retrato del-rei.

Um contador mecanico com 100 espheras.

Um relogio.

Um mappa de Portugal.

Um quadro do novo systema legal de pesos e medidas.

Modêlos d'estes mesmos pesos e medidas, como o metro, o litro, o kilogramma, etc.

Um pote com torneira para agua, e um copo, ou um pucaro de metal.

Um lavatorio.

Cabides numerados, á entrada da eschola, para bonets, capas, etc.

Livros para se emprestarem aos alumnos mais pobres.

Exemplares para escripta, e cadernos para escripta e para contas.

Nas escholas em que não houver bancadas para os alumnos deve, pelo menos, attender-se ao seguinte:

1.º Que haja uma banca comprida para a escripta, de modo que um terço dos alumnos possam ahi escrever, a fim de serem divididos em tres classes, que occupam por seu turno a banca.

É conveniente que no acto da escripta cada alumno tenha um banco separado (mocho), em vez de estarem sentados uns poucos no mesmo banco quando escrevem.

2.º Que os bancos da aula não deixem de ter costas. É muitissimo inconveniente, e prejudicial á saude, conservar os alumnos encostados ás paredes humidas e frias, ou curvados sobre os bancos por não terem onde se encostarem.

Na eschola de Queluz ha uns bancos, mandados fazer, ha bastantes annos, pela casa real (segundo nos constou), que reunem as condições convenientes. Cada banco póde accommodar quatro ou cinco alumnos; tem costas de madeira um pouco inclinadas, e na parte inferior do assento ha uma caixa onde os alumnos guardam os livros, barretes, etc.

ESCHOLAS DO SEXO FEMININO

Para estas escholas é applicavel a mobilia já mencionada, e, além d'isso, torna-se necessario outra casa, ou espaço separado na aula, para a costura e lavores.

Usam geralmente as alumnas estarem sentadas em cadeiras baixas, tendo sobre os joelhos a almofada de costura. Este systema obriga-as a estarem curvadas sobre o peito, o que as incommoda, e as faz adquirir um mau habito. Melhor fôra terem em frente de si uma banca comprida, e de altura conveniente. Cada alumna teria uma gaveta onde guardar os preparos da costura. As almofadas de costura descançariam sobre a banca, ou, em logar das almofadas, far-se-hia uso de umas fitas que guarnecessem o bordo da banca, e as quaes servissem de pregadeiras para a costura. Havendo bancas, em vez de cadeirinhas, poderiam as alumnas estar sentadas em bancos compridos e sem costas, em frente das respectivas mesas.

Quando a casa da eschola for pequena, então os logares das alumnas serão communs para a costura e outros exercicios escholares, devendo haver uma banca comprida para irem escrever por turnos.

Julho de 1864.

O Commissario dos estudos do districto de Lisboa

M. GUIRA.

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

63.º

Se o sr. Castilho não houvesse afugentado as palmatorias, tinha eu levado hontem meia duzia de *bolos*, por ter empregado a palavra *mistificação*, traduzindo-a litteralmente do francez, que ando aprendendo, porque a leio nos nossos diccionarios, e a tenho ouvido a muita gente boa.

O meu mestre tachou-a de gallicismo; mas eu sempre queria consultar a v. , que é etc. — *R.*

RESPOSTA

Mistificação, no sentido de falsificação de remedios, drogas, etc., está naturalisada por classicos nossos; mas na accepção franceza de *escarnecer*, *mofar*, *illudir*, *chasquear*, *ridiculisar*, *lograr*, etc., é gallicismo, ou antes barbarismo intoleravel, e se n'esse significado v. a empregou, ainda que seja casado, devia dar a mão á *menina de cinco olhos*, com licença do sr. Castilho. SILVA TULLIO.